



**Pró-Reitoria Acadêmica
Escola de Saúde
Curso de Psicologia
Trabalho de Conclusão de Curso**

**A DANÇA DO VENTRE COMO RECURSO NO ATENDIMENTO PSICOSSOCIAL DE
MULHERES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA**

**Autor: Nathalia Costa Oliveira Calheiros
Orientador: Benedito Rodrigues dos Santos**

**Brasília - DF
2015**

NATHALIA COSTA OLIVEIRA CALHEIROS

**A DANÇA DO VENTRE COMO RECURSO NO ATENDIMENTO PSICOSSOCIAL
DE MULHERES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA**

Artigo científico apresentado ao curso de
Psicologia da Escola de Saúde da Universidade
Católica de Brasília como requisito final para
obtenção de título de bacharel em Psicologia

Orientador: Benedito Rodrigues dos Santos

Brasília, 2015

Dedico esse trabalho à minha família, amigos, colegas de curso, profissionais do Centro Especializado em Atendimento à Mulher, aos professores que durante minha jornada acadêmica o tornaram possível, e a todas as mulheres participantes por tão corajosamente compartilharem suas experiências.

AGRADECIMENTOS

Muitas foram as pessoas que fizeram parte da construção desse trabalho, e às quais desejo agradecer. À minha mãe primeiramente, por ser a mulher sensacional que conheço, amo e admiro, por me amar incondicionalmente, e por me mostrar com sua própria coragem como a dança se tornou para ela um elemento libertador. À ela também devo agradecer por dançar e por ter me apresentado a essa arte tão bela que hoje constitui meu ser. Devo agradecer também à todas as minhas professoras de dança do ventre que tanto me ensinaram, e por minhas companheiras de dança pela caminhada. Agradeço a minha família pelo apoio incansável, por nunca terem me deixado desistir e por sempre acreditarem em mim mesmo quando eu não fui capaz. Ao meu pai agradeço pelo mesmo amor incondicional, pela atenção diária que sempre foi capaz de superar a distância, e por todas as conversas que contribuíram para a execução deste trabalho. Às minhas queridas e amadas irmãs devo agradecer pela amizade diária e pela cumplicidade, sem as quais já haveria perdido a fé em minha capacidade de seguir. Ao querido e estimado Prof. Dr. Benedito Rodrigues dos Santos, por apostar em minha ideia, pela paciência e pelo auxílio constantes, mas principalmente por ter construído comigo esse trabalho. À Prof. Msc. Flávia Timm, pela confiança e apoio, e principalmente pela oportunidade de romper barreiras e me encontrar em um campo de atuação que hoje percebo como a maior fonte de força e magia de toda a minha vida acadêmica. Às amigas e companheiras de curso Thaynara Sousa, Izabella Moraes, Bárbara Marangon, Bárbara Aires e Nayara Machado, por me tranquilizarem e sempre me fazerem sorrir. Ao amigo e companheiro de curso, Paulo Henrique Roberto, pela amizade e apoio. Às companheiras de trabalho Jhéssica Tavares e Rosânia Peixoto, pelo companheirismo e dedicação ao trabalho desenvolvido. Às amigas Gabriela Marangon, Lyana Catherine, Bruna Kalil, Fernanda Dantas e Thaieny Cassiano, pelo amor, amizade, paciência e companhia. Aos amigos Victor Couto, Carlos Eduardo de Andrade e Luís Antônio, por todos os anos de amizade e todas as experiências que esses anos trouxeram, contribuindo grandemente para a realização dos meus sonhos. Ao amigo Guilherme Lucas Rodrigues Monteiro, pelo carinho e contribuição ao trabalho. Aos meus cunhados Dhiego Araújo e João Henrique, por me ouvirem e me auxiliarem, por me apoiarem e estarem sempre presentes. Agradeço imensamente a todos os psicólogos, assistente sociais e demais funcionários do Centro de Atendimento Especializado à Mulher, e principalmente à todas as mulheres participantes, que aceitaram o desafio dessa proposta e compartilharam suas vidas, sendo assim essenciais para a construção desse trabalho.

A Dança do Ventre como Recurso no Atendimento Psicossocial de Mulheres em Situação de Violência Doméstica

Nathalia Costa Oliveira Calheiros

Universidade Católica de Brasília

Resumo: Este artigo objetiva demonstrar o potencial da dança do ventre como um recurso de atenção psicossocial à mulheres vítimas de violência doméstica. Centrada nos pressupostos da pesquisa qualitativa, a pesquisa baseou-se na realização de 08 encontros de intervenção psicossocial com mulheres vítimas de violência doméstica, no Centro Especializado em Atendimento à Mulher (CEAM), localizado em Brasília, entre os meses de agosto e outubro de 2015. Foram utilizados instrumentos da pesquisa etnográfica como a observação participante e o diário de campo. Os dados foram interpretados à luz da teoria fenomenológica de Merleau-Ponty. Os resultados foram agrupados em quatro categorias: Implicação, Autonomia, Pertencimento e Bem estar, e em geral confirmam o potencial do espaço da acolhida e da dança do ventre na elevação da estima e na disposição de enfrentar os episódios de violência vividos.

Palavras-Chave: Fenomenologia. Psicossocial. Dança do Ventre. Psicologia. Violência.

Abstract: This article demonstrates the potential of belly dancing as a resource in psychosocial care to women who have suffered domestic violence. Built on the basis of qualitative research, the process consisted in eight psychosocial intervention meetings with female victims of domestic violence at the Specialised Centre for Women (*Centro Especializado de Atendimento à Mulher*, CEAM), in Brasilia, between August and October 2015. Ethnographic research tools such as participant observation and field diaries were employed during the work. The data were interpreted in the scope of Merleau-Ponty's phenomenological theory, and the results were grouped into four categories: Implication, Autonomy, Belongingness and Wellbeing, and generally confirm the potential of shelter services and belly dancing in elevating self-esteem and the will to face the violence faced by these women.

Keywords: Phenomenology. Psychosocial. Belly dancing. Psychology. Violence.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende analisar a importância das dimensões corporais para a implementação de intervenções psicossociais que articulem a intervenção psicoterapêutica com grupos e atividades voltadas para o corpo, empregadas nessa pesquisa em grupos específicos de mulheres em situação de violência doméstica.

Serão discutidos aspectos psicológicos que permeiam as mulheres em situação de violência doméstica a partir de referencial teórico voltado para a temática da violência e seus efeitos na mulher, assim como pressupostos que apoiam a utilização da atividade corporal selecionada, a partir da Fenomenologia da Percepção de Merleau-Ponty do ponto de vista do próprio autor e de comentadores de sua obra. A atividade corporal selecionada é a da prática da dança do ventre como intervenção a ser articulada com o que já se realiza com grupos em intervenções psicossociais, compreendendo nesse trabalho a especificidade do trabalho corporal quando nos deparamos com as necessidades de um grupo tão específico quanto esse.

Para a realização desse trabalho percebeu-se a necessidade de definirmos metodologias que dialogassem com as necessidades da pesquisa, sendo essa a Etnografia com Observação Participante, permitindo a interação da pesquisadora com o objeto a ser estudado, e o Relato Etnográfico, que permite a criação de um diário de bordo, no qual se garante a coleta das informações necessárias para a realização deste.

Sendo assim, o objetivo do projeto de pesquisa apresentado é o de compreender os efeitos da dança do ventre em um grupo de mulheres em situação de violência doméstica, procurando especificamente: I) Desenvolver atividade prática de dança do ventre articulada com intervenção psicoterapêutica com grupos; II) Documentar por meio de etnografia e observação participante os efeitos observados e; III) Analisar a percepção das mulheres sobre os efeitos da atividade da dança em sua subjetividade.

O trabalho tem a intenção de evidenciar a importância de que haja possibilidades de articulação entre as intervenções psicoterapêuticas com grupos e atividades alternativas que possam suprir demandas específicas de certos públicos alvo tornando as intervenções psicossociais mais efetivas e capazes de transformar, assim como afetar positivamente as usuárias dos Centros Especializados em Atendimento à Mulher (CEAM's). Deseja-se que o presente trabalho possa ser um guia futuro para o uso de profissionais da psicologia que sintam a necessidade de incluir atividades de prática corporal como um recurso no atendimento psicossocial, tornando o atendimento mais capaz de afetar positivamente mulheres em situação

de violência doméstica, pois se percebe a importância de que acadêmicos experimentem possibilidades de potencializar sistemas já existentes, buscando melhorias para os usuários destes.

2. A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA: BREVE REVISÃO TEÓRICA

A violência doméstica é um fenômeno que envolve milhares de pessoas muitas vezes de forma imperceptível, o que permite que a mesma persista. De acordo com a Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/2006. Art. 5º) “[...] configura violência doméstica e familiar contra a mulher qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial[...].” Porém, a violência se instala de forma gradual, se inicia com tipos mais imperceptíveis de violência, como a violência psicológica definida pela Lei Maria da Penha como:

[...]qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação.[...] (Lei nº 11.340/2006. Art. 7º - II)

Logo, é possível perceber que a violência em qualquer que seja a sua forma de expressão exerce um efeito sobre a mulher. Porém, por se instalar gradualmente dificulta a ação de se perceber em uma situação de violência. A mulher é bombardeada por diversos tipos de violência que não se apresentam inicialmente com esse caráter. Assim, a aproximação da violência física não se torna tão facilmente perceptível.

As agressões físicas não chegam de repente, “como uma trovoada em um céu sereno”, mas são introduzidas por microviolências, por uma série de palavras de aviltamento, por pequenos ataques verbais e não verbais que se transformam em assédio moral, diminuem a resistência delas e as impedem de agir. (HIRIGOYEN, 2006,)

Vemos então que processos capazes de enfraquecer a mulher são instalados em situações violentas de formas tão sutis que nem mesmo as próprias mulheres são capazes de identificá-los, dificultando os processos de rompimento com a violência. Quando é chegada a

violência física a mulher já se encontra suficientemente fragilizada para que a mesma se instale como mais uma das violências que já se encontram presentes na relação. Segundo Hirigoyen (2006), à medida que aumentam tanto a gravidade quanto a frequência da violência psicológica e depois física, a mulher perde aos poucos a confiança em si mesma, desestabilizando-se, sentindo-se angustiada, isolada, confusa, e tornando-se cada vez menos capaz de tomar uma decisão.

Ou seja, a violência se instala e junto a ela os processos de enfraquecimento que impedem que a mulher resista, reaja e perceba a situação, fazendo com que ela se enxergue a partir de um humor rebaixado, resultante da violência vivida por ela. Por não perceber os primeiros sinais de violência, sendo a violência psicológica a menos percebida pelas mulheres, a mulher se torna preparada para receber a violência física e acaba encontrando em si mesma as justificativas necessárias para o sofrimento vivido, de forma a não perceber a necessidade de romper com o ciclo instalado na relação pelo parceiro.

Hirigoyen afirma também (2006) que “[...]enquanto há equilíbrio entre controle, rebaixamento e gentileza, ela (a violência) é suportável. A mulher diz a si mesma que sua percepção da realidade é falsa, que é ela que está interpretando mal as coisas, que está exagerando.[...]”. Então a mulher é levada a pensar que a violência existente na relação nada mais é do que sua percepção equivocada, já que a violência se dá de forma cíclica tornando ainda mais difícil que a mulher perceba a existência dela, impedindo ainda seu anseio de romper com uma situação que não a faz sentir-se bem consigo mesma, mas que permanece de forma tão sutil que até mesmo a percepção de como se sente se tornada mascarada para ela mesma.

Um dos efeitos mais graves da violência doméstica é aquele causado pela persuasão coercitiva, ou lavagem cerebral que segue do processo de submissão para condicionar as vítimas a viverem a situação de violência instalada, fazendo então com que a vítima se sujeite à situação violenta, tornando-se então submissa.

A influência que o agressor exerce sobre sua parceira diminui a capacidade crítica dela e a faz entrar em uma espécie de transe, que modifica suas percepções, suas sensações e sua consciência. Em nível mental, produz-se na pessoa uma desconexão entre o córtex cerebral (lugar das funções de aprendizagem e conhecimento) e a parte do cérebro que controla a vida vegetativa, o que provoca uma vulnerabilidade à sugestão. O DSM IV explica claramente que esses estados de dissociação podem resultar de manobras prolongadas de persuasão coercitiva. A dissociação é um processo inconsciente pelo qual certos pensamentos são separados (dissociados) da personalidade e funcionam independentemente. A vítima, torna-se então, um

observador externo da agressão que sofre. É um meio eficaz de sobrevivência, para não perder a razão, uma estratégia passiva quando se tem a sensação de que não há saída possível. (HIRIGOYEN, 2006)

Percebe-se então que a vítima se torna passiva para que seja possível sobreviver nessas situações. Perde então a sua autonomia, e se torna incapaz de se perceber na situação, de reagir à situação que lhe é apresentada e de romper com a mesma. Definimos autonomia a partir do conceito apresentado na cartilha “Perspectivas Feministas para a Igualdade e Autonomia das Mulheres” publicada pela SOF - Sempreviva Organização Feminista:

A palavra autonomia pode ser utilizada de diferentes formas e em diversos contextos. Seu significado, de acordo com o dicionário, é “Faculdade de se governar a si mesmo. Direito de se governar por suas próprias leis, dirigir-se por sua própria vontade”. Nos termos de Simone de Beauvoir, “autonomia é a capacidade de nomear seu próprio horizonte de vida”. Ao aplicar este conceito para as mulheres, podemos defini-lo como o poder que elas têm para determinar e regular sua própria vida. (SOF, 2012)

O rompimento então com a situação violenta é o primeiro ato de retomada da autonomia da mulher. É necessário que a mesma possua algum tipo de apoio, sendo considerados tanto o legal quando o familiar. Porém, o processo de retomada da autonomia e das potências perdidas ou esquecidas durante a relação violenta não se encerra no rompimento com a situação, mas sim se inicia: “As mulheres retratam o período em que vivenciaram a agressão e, ainda que tenham rompido com esta situação, ainda convivem com as sequelas e com o legado de um passado permeado por violências.” (PACHECO, 2012)

Pacheco (2012) relembra que o rompimento com a violência é difícil para a mulher e que cabe aos profissionais de saúde o trabalho de apoiar a mulher. Daí a importância do trabalho de atendimento psicossocial. Ansara e Dantas (2010) afirmam que a intervenção psicossocial é um trabalho centrado na transformação das condições de vida de uma população específica e no compromisso político que visa a potencialização de uma comunidade.

Este artigo busca demonstrar o potencial da utilização da dança do ventre como um recurso psicossocial de atenção à mulheres vítimas de violência doméstica com base em uma intervenção concreta realizada com o objetivo de recuperar a autonomia e potencializar as mulheres naquilo que possa ter sido perdido durante a vivência das situações de violência. O trabalho realizado buscou potencializar a vida das mulheres de maneira individual e coletiva.

Nas próximas seções deste artigo, apresentamos uma breve revisão da literatura sobre o potencial de apoio psicossocial da dança do ventre, a metodologia utilizada, a apresentação dos resultados e considerações finais.

3. A DANÇA DO VENTRE COMO RECURSO NO ATENDIMENTO PSICOSSOCIAL

A dança do ventre foi pensada como recurso no atendimento psicossocial de mulheres em situação de violência doméstica não por seu caráter de celebração ao feminino, mas pela possibilidade de enfoque introspectivo, permitindo que o movimento de olhar para si se tornasse possível e permitisse que as mulheres se afetassem positivamente pela atividade. Nesse contexto, a dança do ventre seria uma ponte entre a mente e o corpo, permitindo que através dela as mulheres se expressassem tanto verbal quanto corporalmente, otimizando o atendimento psicossocial.

Segundo Nahid e Takusi (2000) a dança do ventre, surgiu ao mesmo tempo no Egito, na Mesopotâmia e na região do Pacífico pela necessidade de oferecer um ritual dedicado às deusas Isis – no Egito –, Ishtar e Inana – na Mesopotâmia – nos templos. Durante as festas religiosas a dança surgiu sendo usada também na iniciação sexual das jovens durante as preparações para o parto.

Lopes (2000) afirma ainda que a dança do ventre é ligada a rituais de fertilidade, sendo considerada a modalidade de dança que mais simboliza a essência da criação onde se agradecia o milagre da vida, louvando com danças e orações o prazer, o nascimento e a sensualidade feminina. Durante tais rituais as mulheres, tanto Deusas quanto as reais mulheres que realizavam os rituais eram louvadas e celebradas por suas capacidades e habilidades únicas de trazer novas vidas ao mundo. Lopes (2000) conta também que os movimentos dos braços eram inspirados por animais, representando a ligação dos rituais à natureza, e que o ventre permanecia exposto não como forma de seduzir, mas sim como uma forma de exaltar as energias da criação, concentradas no útero.

Nahid e Takusi (2000) afirmam que a dança do ventre é capaz de colocar as mulheres em contato com as energias positivas, sendo a mesma desenvolvida para sustentar as fragilidades das mulheres, afagar seus sofrimentos e realçar o brilho opaco de seus corações agitados pela rotina, permitindo resgatar a identidade feminina.

Torna-se importante nesse momento, refletir sobre a história da dança e suas implicações quando utilizada para os propósitos desse trabalho. A dança do ventre desde suas primeiras aparições, surge como celebração do feminino, voltada especificamente para a sensualidade e reprodução como papéis centrais das mulheres. Porém, a dança quando pensada para o presente trabalho busca através da celebração do feminino permitir que “ser mulher” seja percebido de forma positiva, assim como para possibilitar tomadas de consciência para os corpos que dançam, sem o objetivo de evidenciar a essência feminina presente nos primeiros momentos de surgimento da dança do ventre. Para os propósitos do presente trabalho, buscamos utilizar os benefícios mensuráveis da dança, como o bem estar físico, e os movimentos introspectivos como ferramenta capaz de permitir que as mulheres se percebam e passem a refletir sobre si mesmas e suas ações frente ao mundo como um grupo.

Do ponto de vista fisiológico, podemos justificar o uso da dança do ventre de diversas formas ainda mais quantificáveis do que pelo afirmado acima. Peto (1998) diz que os movimentos dos músculos do ventre massageiam os órgãos internos, regulando o metabolismo e melhorando a circulação.

Os órgãos estimulados pela dança do ventre colaboram para que a mulher aumente o gosto pela vida. A mulher passa por uma revitalização, a consciência do próprio valor cresce, desenvolvem-se senso de dignidade e auto-estima. Estando despertos, os sentidos do corpo conduzem à melhoria da saúde, beneficiando pernas e órgãos internos. A dança trabalha o desbloqueio de sentimentos reprimidos, ajudando a mulher a liberar verbalmente seus temores, e, no plano mental, o raciocínio torna-se mais ágil, estimula a memória e favorece maior concentração da atenção, despertando a consciência para o momento. (Nahid, Takusi. 2000)

A dança e seus benefícios apoiam o trabalho de atendimento psicossocial a partir daquilo que dialoga com a proposta de intervenção, já que fortalece e permite que as mulheres se expressem, sentindo em seus vários planos – emocional, físico e mental – os efeitos proporcionados pela prática da atividade. Marques (2004) ao utilizar a dança do ventre com um grupo de mulheres obesas, relata a mudança na percepção da forma do corpo e as possibilidades de melhora da autoestima das mulheres a partir do contato com o próprio corpo e suas habilidades e capacidades, mostrando que a partir da atividade prática da dança do ventre, assim como a partir do contato da música, as mulheres se tornam capazes de experimentar sua totalidade, possibilitando mudanças positivas quanto a percepção do próprio corpo.

Ainda sobre a dança do ventre, é importante também salientar da sensibilidade adquirida através da prática, como afirma Laban (1990) a seguir:

Praticando a dança, é possível adquirirmos sensibilidade e, conseqüentemente, uma compreensão melhor de tudo que nos cerca. Entendemos que, por meio do som da música, tratamos de refinar nosso sentido de audição; e; mediante a dança, procuramos refinar nosso sentido cinestésico. [...] Esses elementos favorecem-nos a expressão e liberação do corpo e da mente, levando à busca da autovalorização e do sentido positivo da vida. [...] Ao dançar, podemos experimentar relações em que se realça a consciência de si mesmo e dos demais. O sentido de prazer que a dança pode nos oferecer, ajuda-nos a achar harmonia e adquirir maior sentido de pertinência. Com esse fim, nosso impulso interior para o movimento deve se vitalizar e orientar-se para uma expressão plena e estruturada pela dança, em especial a dança do ventre, melhorando, assim, a saúde física e mental. (Laban, 1990)

4. METODOLOGIA

Esta pesquisa de base qualitativa, teve como base empírica a atividade prática da dança do ventre articulada com intervenções psicoterapêuticas com grupos em contexto de atendimento psicossocial, e se deu no ambiente do Centro Especializado em Atendimento à Mulher (CEAM) localizado na quadra 102 sul do Plano Piloto.

O projeto de intervenção teve duração de 08 (oito) encontros com duração de 1 (uma) hora e 30 (trinta) minutos às terças-feiras durante o turno matutino, semanalmente.

O grupo funcionou na configuração aberta, sendo assim, novas participantes continuaram a aderir ao grupo mesmo depois do início dos trabalhos com o mesmo. A intervenção contou com a participação de outras duas estagiárias em Psicologia da Universidade Católica de Brasília e com duas psicólogas do serviço. Cada encontro possuiu planejamento individual com objetivos e atividades específicas buscando alcançar metas particulares a cada encontro.

Para a coleta de dados utilizou-se de métodos e instrumentos da pesquisa etnográfica. Angrosino (2009) diz que a observação participante é feita em campo, permitindo assim que o observador em maior ou menor grau possua um envolvimento com aquilo que está observando. Se falando em grau de envolvimento é importante ressaltar que o observador pode estar envolvido desde o grau invisível (onde se mantém tão afastado quanto possível do cenário a ser

observado) ao grau de participante totalmente envolvido (em que o observador desaparece completamente do cenário permanecendo totalmente envolvido com as pessoas e as situações vividas).

Para a realização desse trabalho foi escolhido o grau definido por Angrosino como Participante como Observador, que seria aquele “está mais completamente integrado à vida do grupo e mais envolvido com as pessoas, sendo ele igualmente um amigo e um pesquisador neutro. Porém, suas atividades de pesquisa ainda são reconhecidas”. (Angrosino, 2009).

O diário de bordo se caracteriza como a possibilidade de registrar através de feedback verbal as falas das mulheres em três momentos específicos da intervenção, I) no momento da chegada das mulheres, buscando identificar sentimentos iniciais; II) após a intervenção psicoterapêutica com o grupo, para que possamos determinar os sentimentos que surgem após as atividades usualmente realizadas de intervenções psicoterapêuticas com grupos no contexto de atendimento psicossocial e; III) após a realização da atividade prática da dança, em que a mesma foi avaliada verbalmente em relação a sentimentos que causou assim como níveis nos quais as mulheres possam ter sido afetadas, garantindo assim informações que nos permitam avaliar a possibilidade da utilização da atividade prática da dança a partir dos efeitos observados e então registrados, nas mulheres que compõem o grupo.

A partir do registro das falas das mulheres participantes, esse conteúdo foi registrado e tabulado para que pudesse ser analisado quanto aos conteúdos que caracterizavam as falas das mulheres, sendo separados então em grupos de falas mais significantes e representativas, sendo então agrupadas em categorias.

Os pressupostos teórico metodológicos presentes em toda concepção da pesquisa e particularmente de forma mais expressiva na análise dos resultados foi a fenomenologia. Percebendo assim a importância de se compreender a sensibilidade proporcionada pela dança principalmente no que se diz respeito à cinestesia (movimento interno e externo) e seus efeitos não apenas fisiológicos, mas também subjetivos, optou-se pela Fenomenologia da Percepção de Merleau-Ponty, a qual ofereceu um corpus teórico que possibilitou uma melhor reflexão sobre o fenômeno observado.

Reis (2011) afirma que para realizar uma pesquisa apoiada na teoria fenomenológica, se faz necessário que o pesquisador assuma uma relação com o objeto estudado, até deixando de percebê-lo como objeto para se engendrar na relação sujeito-sujeito.

Este tipo de pesquisa pressupõe que o psicólogo assuma uma postura diferente da tradicional neutralidade científica, afinal ele está lidando não com um objeto, mas com

uma pessoa, com outro ser humano. Trata-se, portanto, de uma relação sujeito-sujeito, na qual ambos são reciprocamente afetados. Levar isso em consideração, contudo, não significa ausência de rigor metodológico, mas propõe como caminho possível ao pesquisador aproximar-se experiencialmente da subjetividade. (Reis, 2011)

Sendo assim, sentiu-se a necessidade de trabalhar com metodologias que facilitassem e permitissem tal relação com o público estudado. Para tanto foram selecionadas como metodologias principais de pesquisa a etnografia e a observação participante, assim como a construção de diário de bordo onde podemos documentar as falas das mulheres durante as experiências vividas.

“O corpo é nosso meio geral de ter um mundo” (Merleau-Ponty, 2006, p.203). Ou seja, a partir desse corpo somos capazes de perceber o mundo ao redor, de senti-lo e atribuir significados a ele. Podemos ainda observar o papel do corpo nos processos de tomada de consciência a partir da afirmativa do autor que diz: “tenho consciência do mundo por meio de meu corpo” (Merleau-Ponty, 2006, p.122). A perspectiva de que temos consciência do mundo por meio de nossos corpos e também ou principalmente a partir do movimento do corpo, encontra-se essencialmente baseada no pensamento de Merleau-Ponty, evidenciado por Reis (2011).

Um aspecto essencial da experiência do corpo-próprio é a motricidade. Ela está diretamente envolvida na percepção, pois, para Merleau-Ponty (2006) ela é intencionalidade original. Por meio do movimento, o corpo nos situa no mundo, nos posiciona em relação às coisas, permite que as conheçamos por diferentes ângulos e revela que a visão se dá por perspectivas. (REIS, 2011)

Sendo assim, é possível pensar sobre a possibilidade de que um corpo que sofre tenha sua consciência e sua forma de perceber alteradas, levando em consideração que a todo instante suas tomadas de consciência ocorrem através do que é sentido no corpo, de suas fraquezas e incapacidades reforçadas por uma terceira pessoa. Reis (2011) diz que enquanto no pensamento clássico a consciência se tratava de um fenômeno mental, uma operação do espírito, quando tratamos de Merleau-Ponty a consciência só poderia emergir como ato reflexivo a partir daquilo que é percebido pelo corpo. Sendo assim, seria necessário haver uma percepção do corpo e essa percepção teria de ser consciente, caracterizando-se como ato reflexivo, mas somente a partir da percepção no corpo.

A experiência perceptiva é uma experiência corporal. De acordo com Merleau-Ponty (1945/1994) o movimento e o sentir são os elementos chaves da percepção, desse modo: A percepção sinestésica é a regra, e, se não percebemos isso, é porque o saber científico desloca a experiência e porque desaprendemos a ver, a ouvir e, em geral, a sentir, para deduzir de nossa organização corporal e do mundo tal como concebe o físico aquilo que devemos ver, ouvir e sentir (p. 308). (Nóbrega, 2008)

Percebemos então um movimento que afirma que o movimento, ou seja, a cinestesia de um corpo e o que aquele corpo é capaz de sentir, são os elementos que permitem que haja a percepção, sendo assim a percepção sinestésica, ou seja, aquela derivada do movimento, sendo ele interno ou externo, seria a regra. Podemos perceber também que ao evidenciarmos em nós somente o que diz razão a mente e ao pensamento racional, acabamos por colocar o corpo e suas essenciais percepções em um plano de fundo, não nos permitindo com frequência analisar e perceber o que sentimos e de quais sentimentos e emoções somos constituídos.

A percepção está relacionada à atitude corpórea. Essa nova compreensão de sensação modifica a noção de percepção proposta pelo pensamento objetivo, fundado no empirismo e no intelectualismo, cuja descrição da percepção ocorre através da causalidade linear estímulo-resposta. Na concepção fenomenológica da percepção a apreensão do sentido ou dos sentidos se faz pelo corpo, tratando-se de uma expressão criadora, a partir dos diferentes olhares sobre o mundo. (Nóbrega, 2008)

Logo, é possível compreender que a percepção para a Fenomenologia é um ato que envolve todos os sentidos que perpassam o corpo, não se tratando apenas de um estímulo gerador de resposta, mas sim de todos os estímulos possíveis que partem das diferentes formas de olharmos o mundo. Percebemos então através da complexidade, permitindo que a consciência parta do que se sente no corpo. É possível perceber o que digo através da contribuição de Reis (2011) sobre a tentativa de Merleau-Ponty de desconstruir dicotomias tornando a percepção um processo que envolve todas as instâncias do sujeito.

Na Fenomenologia da Percepção, o corpo vem para o primeiro plano na reflexão do filósofo, revelando-se como o modo através do qual o homem percebe o mundo, assim como a si mesmo. Na visão tradicional, a percepção era explicada ora em uma abordagem intelectualista, considerando-se que o sentido do percebido está na consciência do sujeito, ora em uma empirista, entendendo-se que o sentido está no objeto. Contudo, a noção fenomenológica de intencionalidade considera que o sentido

não se encontra em nenhum dos polos considerados isoladamente, mas emerge na relação que se estabelece entre eles. O mérito de Merleau-Ponty está justamente em mostrar que esta relação é mediada primordialmente pelo corpo. (Reis, 2011)

“Portanto, a percepção não é primariamente um ato de pensamento, mas um encontro entre homem e mundo que se concretiza no corpo-vivido.” (REIS, 2011). Considera-se então a percepção como um ato ou atitude corpórea, tornando assim possível pensarmos em articulações que permitam trabalhos voltados para o corpo, buscando modificar percepções que não sejam potencializadoras, como as do público alvo abordado nesse trabalho.

Pensando sobre a dança do ventre e a sensibilidade proporcionada por ela, torna-se relevante compreendê-la no que se diz respeito à cinestesia (movimento interno e externo) e seus efeitos não apenas fisiológicos, mas também subjetivos. Para tanto, foi eleita a Fenomenologia da Percepção de Merleau-Ponty que proporcionaria refletir melhor sobre o que viria a ser observado, já que afirma (2006, p.122) que temos consciência do mundo por meio de nossos corpos.

Um aspecto essencial da experiência do corpo-próprio é a motricidade. Ela está diretamente envolvida na percepção, pois, para Merleau-Ponty (2006) ela é intencionalidade original. Por meio do movimento, o corpo nos situa no mundo, nos posiciona em relação às coisas, permite que as conheçamos por diferentes ângulos e revela que a visão se dá por perspectivas. (REIS, 2011)

Percebemos então um movimento que afirma que o movimento, ou seja, a cinestesia de um corpo e o que aquele corpo é capaz de sentir, são os elementos que permitem que haja a percepção, sendo então a percepção sinestésica, ou seja, aquela derivada do movimento, sendo ele interno ou externo, seria a regra. Podemos perceber também que ao evidenciarmos em nós somente o que diz razão a mente e ao pensamento racional, acabamos por colocar o corpo e suas essenciais percepções em um plano de fundo, não nos permitindo com frequência analisar e perceber o que sentimos e de quais sentimentos e emoções somos constituídos.

A percepção está relacionada à atitude corpórea. Essa nova compreensão de sensação modifica a noção de percepção proposta pelo pensamento objetivo, fundado no empirismo e no intelectualismo, cuja descrição da percepção ocorre através da causalidade linear estímulo-resposta. Na concepção fenomenológica da percepção a apreensão do sentido ou dos sentidos se faz pelo corpo, tratando-se de uma expressão criadora, a partir dos diferentes olhares sobre o mundo. (Nóbrega, 2008)

Logo, é possível compreender que a percepção para a Fenomenologia é um ato que envolve todos os sentidos que perpassam o corpo, não se tratando apenas de um estímulo gerador de resposta, mas sim de todos os estímulos possíveis que partem das diferentes formas de olharmos o mundo. Percebemos então através da complexidade, permitindo que a consciência parta do que se sente no corpo. É possível perceber o que digo através da contribuição de Reis (2011) sobre a tentativa de Merleau-Ponty de desconstruir dicotomias tornando a percepção um processo que envolve todas as instâncias do sujeito.

Na Fenomenologia da Percepção, o corpo vem para o primeiro plano na reflexão do filósofo, revelando-se como o modo através do qual o homem percebe o mundo, assim como a si mesmo. Na visão tradicional, a percepção era explicada ora em uma abordagem intelectualista, considerando-se que o sentido do percebido está na consciência do sujeito, ora em uma empirista, entendendo-se que o sentido está no objeto. Contudo, a noção fenomenológica de intencionalidade considera que o sentido não se encontra em nenhum dos pólos considerados isoladamente, mas emerge na relação que se estabelece entre eles. O mérito de Merleau-Ponty está justamente em mostrar que esta relação é mediada primordialmente pelo corpo. (...) Portanto, a percepção não é primariamente um ato de pensamento, mas um encontro entre homem e mundo que se concretiza no corpo-vivido. (Reis, 2011)

Considera-se então a percepção como um ato ou atitude corpórea, tornando assim possível pensarmos em articulações que permitam trabalhos voltados para o corpo, buscando modificar percepções que não sejam potencializadoras, como as do público alvo abordado nesse trabalho.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Todas as verbalizações das mulheres durante os encontros, ou seja, suas falas foram coletadas, separadas e analisadas com o intuito de selecionarmos as falas mais significantes. Cada uma dessas falas possuía um conteúdo subjetivo que a caracterizava. Após análise foram identificados esses conteúdos subjetivos e então as falas foram separadas em categorias. Criamos então, núcleos de significados, que buscam unir as falas de mesmo conteúdo característico, que retratam o que a atividade significou para cada uma das participantes, em relação a subjetividade.

- a) **Núcleo da Implicação:** Este aborda especificamente a verbalização da implicação das participantes com a atividade realizada, retratando o envolvimento subjetivo das mulheres com as atividades propostas durante o trabalho com o grupo.

É difícil vir pra cá. Não vou mentir. Tem dia que eu não quero vir. Hoje por exemplo eu não queria vir. Porque eu não tô bem. E aí a gente vem e é tanta coisa. Não é que seja ruim. É muito bom. Eu chego mal e saio bem. Não achei que fosse dar conta de dançar. Tá difícil mas tô fazendo no meu tempo. É ruim sair daqui e saber que só tem outra vez na outra semana. Fico muito ansiosa. (Mulher 04)

Foi um dos primeiros aspectos observados e que nos permite refletir sobre os efeitos da atividade na subjetividade de cada participante, mostrando o sujeito engajado e afetado por aquilo que vive com o grupo, e que permite que as participantes tenham a tomada de consciência que deriva do contato com o próprio corpo e do encontro com os outros corpos que compõem o grupo.

O sujeito não é um espectador imparcial frente à vida, mas participa dela ativamente, por meio de seu corpo, com seus movimentos, afetos, pensamentos, percebendo, sendo percebido e se auto percebendo, reconhecendo-se como ator e co-autor de sua história, ao lado dos outros significativos com os quais convive em sociedade. (Reis, 2011)

Percebê-lo de forma ativa nos permite fazê-lo sentir assim no setting terapêutico, e a partir daí adentramos o núcleo da implicação que se torna essencial para que as atividades do grupo tenham sucesso e afetem o sujeito de forma positiva, contando também com a essencialidade do contato com o outro, no caso com as outras participantes do grupo.

Merleau-Ponty frisa a natureza corpórea da comunicação, mostrando que os movimentos e gestos têm um poder de significação intrínseca. Em se tratando do corpo, seja em sua expressão por meio de um simples olhar ou de um movimento elaborado como um passo ensaiado de dança, o expresso não existe separado da expressão, ou seja, o corpo não traduz uma significação, ele próprio a realiza: “aqui o signo não indica apenas sua significação, ele é habitado por ela; de certa maneira, ele é aquilo que significa. (Reis, 2011)

O sujeito implicado é capaz de viver o processo explicitado acima, sendo capaz de se expressar e de perceber aquilo que expressa de forma mais consciente a cada vez que expressa,

dando assim espaço para outros núcleos que passam a constituir o sujeito na atividade a partir da implicação.

- b) **Núcleo do Pertencimento:** Este fala sobre o sentimento que se mostrou essencial para o funcionamento do grupo, já que as participantes passaram a verbalizar ainda mais seus sentimentos em relação aos efeitos da atividade na vida cotidiana a partir do momento em que se perceberam como parte de um grupo operante que contava com respeito e ajuda mútua, um lugar percebido por elas como seguro e necessário.

Hoje pra mim tudo fez sentido. Tudo teve um sentido. Quando eu tomei um pé na bunda eu pensei: Se meu marido fez isso comigo, o que um estranho não pode fazer? Mas eu vim pra cá buscar apoio e encontrei. E me agarro nisso. Enquanto lá fora a gente vai ouvir coisas que machucam, aqui eu sei que eu posso falar tudo. Posso chorar. (Mulher 05)

É bom demais vir pra cá. Eu gosto demais. É bom tá perto de quem é igual a gente. Que entende a gente, né? E dançando ainda... Ai é bom demais. (Mulher 09)

É essencial que um grupo de pessoas possa se sentir pertencentes uns aos outros na realização de trabalhos terapêuticos, já que tal sentimento permite que os indivíduos se afetem cada vez mais pela experiência trazida quando compartilham histórias e vivências.

O corpo fala, mas não fala sozinho, fala com alguém, fala para um outro, sua essência é dialógica. A capacidade expressiva do corpo transcende os mecanismos de sua fisiologia, revelando sua segunda natureza: o social. MerleauPonty (2006) explica esta comunicação como uma forma de comunhão com o outro, na qual um sujeito retoma a intenção expressa no corpo do outro, permitindo que ela reverbere em seu próprio corpo. (Reis, 2011)

A atividade em grupo não funcionaria se as participantes não se percebessem como parte integrante de um grupo com o objetivo de funcionar como uma unidade composta de sujeitos distintos e que é a partir da singularidade de cada um que podemos nos identificar e nos comunicar com o outro e conosco mesmos. O movimento do corpo, que surge através daquilo que o afeta, revela também a natureza social desse corpo, e percebendo o grupo como um conjunto de singularidades permitimos que esse outro nos afete, e isso reverbera em nosso corpo e nos permite através desse diálogo, nos afetar em medida igual a que o outro nos afeta, dialogando assim em níveis diferentes daqueles que alcançaríamos sem o recurso da utilização do corpo.

Este foi também o núcleo mais forte percebido durante a realização da intervenção com o grupo de mulheres, sendo compreendido através da ideia de sororidade, que segundo Costa (2002) está presente nas práticas de ajuda mútua, surgindo no ato de compartilhamento entre mulheres de seus temores comuns, sendo observado no trabalho com o grupo também, onde foram capazes de criar uma certa identidade formada por todas as mulheres participantes, transformando o espaço de intervenção psicossocial também em oportunidade para se unirem e compartilharem experiências, fortalecendo umas às outras e percebendo a união construída como possibilidade de serem mais fortes frente ao mundo em que vivem.

- c) **Núcleo do Bem Estar:** Este fala sobre as sensações positivas dos campos físicos e mentais, vividos pelas mulheres que participaram da atividade.

Você vem pra cá feliz. Porque sabe que vai sair daqui feliz. Eu amo vir pra cá.”
(MULHER 11)

Eu venho e me sinto alegre, me sinto bem. Depois que danço fico solta. (MULHER 05)

E a gente muda. Eu mudei. Tô diferente. Minhas amigas veem. Eu tô muito mais feliz.
(MULHER 03)

Podemos então falar da dança do ventre através de seus efeitos que atravessaram nas mulheres participantes, não apenas o campo físico mas também o campo mental, fazendo com que as mesmas experimentassem fortes sensações de bem estar, advindas do realização da atividade prática em grupo. Abrão e Pedrão (2005) são capazes de confirmar o que digo através do seguinte:

No plano emocional, a dança do ventre atua na transformação das emoções da mulher, inculcando, em seu ser, mais feminilidade, mais leveza, mais suavidade e beleza, ao mesmo tempo em que trabalha a confiança e a segurança. A dança trabalha o desbloqueio de sentimentos reprimidos, ajudando a mulher a liberar verbalmente seus temores, e, no plano mental, o raciocínio torna-se mais ágil, estimula a memória e favorece maior concentração da atenção, despertando a consciência para o momento.
(ABRÃO; PEDRÃO, 2005)

- d) **Núcleo da Autonomia:** Tal núcleo busca evidenciar sentimentos verbalizados pelas mulheres em relação a retomada da autonomia, passo de extrema importância na caminhada das mulheres. Em se tratando do grupo participante da pesquisa, todas

sentiam vontade de se reencontrarem e retomarem controle de suas vidas, sendo que todas haviam rompido com as relações violentas que anteriormente regiam suas vidas.

Eu saio de casa e venho. Venho pra mim. E chego quando quero chegar. Chego aonde quero chegar. (MULHER 02)

Pros outros, conceito de mãe é: Primeiro os filhos, depois o marido e depois a gente se olha. Quando venho pra cá deixo todo mundo se virar e venho. E chego quando eu chegar. (MULHER 06)

Eu sou dona de casa. Sou persistente. Com a convivência aqui eu me redescobri. Minha vida deu uma guinada. Meu véi lá de casa disse que se eu vier pra cá outra vez é pra eu ficar. Eu disse pra ele que não, porque aqui não é minha casa. Ele disse que tô com o nariz em pé. Eu disse que não, que ele está no mesmo lugar que sempre esteve. Eu sou dona da minha vida. Tomei as rédeas da minha vida. E quem manda agora na minha vida sou eu. (MULHER 09)

Tais falas tornam possível observar possibilidades percebidas pelas mulheres de espaços que poderiam ser reivindicados por elas. Passaram a desejar tais espaços e a percebê-los como seus.

Na perspectiva da autopoiesis, a relação entre os sistemas aferente e eferente é modificada, sendo considerada circular e não mais linear. O próprio sistema, isto é, a organização motora, internamente, pode modificar o sistema, gerando diferentes possibilidades de respostas. Não predomina o determinismo do ambiente, mas certa clausura operacional, o que significa que o próprio sistema tem as condições de operar, embora esteja disponível para trocas com o ambiente (acoplamento estrutural). (NÓBREGA, 2008).

O que a autora ressalta acima é que a circularidade, ou seja, a relação do sujeito (indivíduo) com o outro, não deverá impossibilitá-lo de operar por si mesmo, mas permanece sempre disponível para trocas. Ao compararmos o funcionamento de nosso corpo com o mundo que cerca o corpo que discutimos, percebemos suas capacidades e compreendemos seus interesses, e somos então capazes, como as mulheres participantes da pesquisa, de perceber capacidades do corpo de funcionar sozinho mas não enxergar tal possibilidade como a única possibilidade, mas como uma das formas de funcionamento. Sendo a principal delas aquela onde o sistema opera sozinho, em si mesmo.

Podemos observar então inúmeros benefícios trazidos pela atividade prática da dança do ventre, que teoricamente permitiram que o trabalho da intervenção psicossocial com

mulheres em situação de violência doméstica se tornasse para o grupo o mais significativo possível, afetando-as em níveis que permitissem verbalizações e movimentos subjetivos que tornassem possível alcançarem o objetivo da intervenção psicossocial, de fortalecê-las e potencializá-las.

6. CONCLUSÃO

Sendo assim, podemos concluir que atividades corporais como a atividade prática da dança do ventre, quando associadas a intervenções psicoterapêuticas, no caso da presente pesquisa, no âmbito psicossocial é capaz de alcançar dimensões subjetivas que possivelmente não teriam sido alcançadas com atividades que buscassem apenas a fala reflexiva, e não o ato reflexivo possível para o sujeito quando o corpo é envolvido e percebido como instrumento capaz de afetar positivamente os sujeitos.

Quando Reis (2011) diz que a noção fenomenológica de intencionalidade considera que o sentido não se encontra em nenhum dos polos considerados isoladamente, somos capazes de refletir sobre a possibilidade de que o mesmo emerge, na verdade, da relação que se pode estabelecer entre ambos os polos. Logo, é necessário que tanto o ato reflexivo da fala e do corpo sejam associados para que possamos alcançar dimensões que podem ser afetadas apenas pela relação estabelecida entre eles.

Reis (2011) afirma ainda que o mérito de Merleau-Ponty está justamente em mostrar que esta relação é mediada primordialmente pelo corpo: “tenho consciência do mundo por meio de meu corpo” (Merleau-Ponty, 2006, p.122), ou seja, o corpo exerce papel essencial no que se diz respeito em afetar positivamente o sujeito para que haja então a tomada de consciência que permitiu no grupo trabalhado, a reconquista de aspectos que haviam sido esquecidos e/ou rejeitados durante a vivência das situações de violência. Enquanto no pensamento clássico a consciência foi considerada apenas um fenômeno mental (REIS,2011), para Merleau-Ponty a consciência só poderia emergir como ato reflexivo a partir do que se é sentido e assim percebido pelo corpo.

A crítica de Merleau-Ponty (2006) à Psicologia baseia-se em que ela se afasta da experiência do corpo próprio para encará-lo como um processo em terceira pessoa. Entretanto, o corpo não é um ele, mas um eu: “Sistema de potências motoras ou de

potências perceptivas, nosso corpo não é objeto para um 'eu penso': ele é um conjunto de significações vividas que caminha para seu equilíbrio” (REIS, 2011)

É necessário que existam intervenções que abarquem as necessidades dos sujeitos em sua totalidade, permitindo que as intervenções psicoterapêuticas em quaisquer que sejam suas áreas ou aportes teóricos, sejam capazes de proporcionar aos sujeitos relações entre mente e corpo, de forma que tal equilíbrio seja uma das formas de alcançar as dimensões que não são envolvidas em intervenções que buscam mais movimentos isolados da mente do que aqueles integrados com o corpo e que permitem a retomada de núcleos importantes na subjetividade de cada indivíduo.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRÃO, A.C.P, PEDRÃO, L.J. **A contribuição da dança do ventre para a educação corporal, saúde física e mental de mulheres que frequentam uma academia de ginástica e dança.** Revista Latino-americana de Enfermagem 2005 março-abril; 13(2):243-8.
- ANGROSINO, Michael. **Etnografia e Observação Participante.** Coleção Pesquisa Qualitativa. Artmed, 2009.
- ANSARA, Soraia; DANTAS, Bruna. S. A. **Intervenções Psicossociais na comunidade: desafios e práticas.** Psicologia e Sociedade; 22 (1): 95-103, 2010.
- HIRIGOYEN, Marie-France. **Violência no casal - Da coação psicológica à agressão física.** Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2006. p. 86-112.
- LEI MARIA DA PENHA, LEI Nº 11.340, DE 7 DE AGOSTO DE 2006. Art 5º - 7º.
- NAHID. M, TAKUSI, S. **Os benefícios que a dança do ventre proporciona a quem pratica.** A Milenar Dança do Ventre 2000; 1:1-82.
- NÓBREGA, Terezinha Petrucia. **Corpo, Percepção e conhecimento em Merleau Ponty.** Estudos de Psicologia, 2008, pg 141-148.
- PACHECO, Leonora. **Violência Conjugal no Âmbito Doméstico: as vozes de mulheres que romperam com a agressão.** 2012.
- PETO, A.C. **Terapia através da dança com laringectomizados: relato de experiência.** Rev Latino-am Enfermagem 2000; 8(6):35-9.
- PETO, A.C, PEDRÃO, L.J. **A Contribuição da dança do ventre para a educação e saúde de mulheres que frequentam academia.** Fórum Mundial de Educação; 2003. janeiro 19-22, Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Comitê de Organização do FME; 2003.
- REIS, Alice Casanova. **A subjetividade como corporeidade: o corpo na fenomenologia de Merleau Ponty.** Vivência 37. Pg 37-48. 2011.



Campus I - QS 07 – Lote 01 – EPCT – Águas Claras – Brasília – DF CEP: 71966-700 - (61) 3356-9000
Campus Avançado Asa Norte - SGAN 916 Módulo B Avenida W5 - CEP: 70790-160 - Brasília/DF - Telefone: (61) 3448-7134
Campus Avançado Asa Sul - SHIGS 702 Conjunto 2 Bloco A - CEP: 70330-710 - Brasília/DF - Telefone: (61) 3226-8210